

# Educação e pandemia de Covid-19: um olhar sobre as desigualdades educacionais<sup>1</sup>

La educación y la pandemia del Covid-19: una mirada a las desigualdades educativas

Education and the Covid-19 Pandemic: A Look at Educational Inequalities

Rodolfo Alves de Macedo<sup>2</sup>

## Resumo

A pandemia de Covid-19 fechou fisicamente instituições de educação, tais como escolas e universidades. Porém, o ensino continuou adaptado ao contexto remoto. Por meio de uma análise documental e bibliográfica orientada por diferentes documentos, como o relatório *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação* e a pesquisa TIC Domicílios, o presente artigo de caráter exploratório traz apontamentos concernentes ao impacto da pandemia de Covid-19 nos processos educativos. Retomando o cenário de exclusão escolar anterior e durante a pandemia, com foco no modelo de ensino remoto, evidenciou-se o aprofundamento das desigualdades educacionais, dado o contexto de desigualdade de acesso a dispositivos eletrônicos, entendidos como capital cultural objetivado.

## Palabras clave

Covid-19, desigualdades educacionais, exclusão digital.

## Resumen

La pandemia de Covid-19 ha cerrado físicamente instituciones educativas como escuelas y universidades. Sin embargo, la enseñanza siguió adaptándose al contexto remoto. A través de un análisis documental y bibliográfico guiado por diferentes documentos, como el informe *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação* y la investigación TIC Domicílios, este artículo de carácter exploratorio trae apuntes sobre el impacto de la pandemia del Covid-19 en los procesos educativos. Retomando el escenario de exclusión escolar anterior y durante la pandemia, centrándonos en el modelo de enseñanza a distancia, se hizo evidente la profundización de las desigualdades educativas, dado el contexto de acceso desigual a los dispositivos electrónicos, entendidos como capital cultural objetivado.

## Palabras clave

Covid-19, desigualdades educativas, exclusión digital.

## Abstract

The Covid-19 pandemic has physically closed educational institutions such as schools and universities. However, teaching continued to be adapted to the remote context. Through a documentary and bibliographical analysis guided by different documents, such as the report *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação* and the survey TIC Domicílios, this exploratory article brings notes concerning the impact of the Covid-19 pandemic on educational processes. Returning to the previous school exclusion scenario and during the pandemic, focusing on the remote teaching model, the deepening of educational inequalities was evidenced, given the context of unequal access to electronic devices, understood as objectified cultural capital.

## Keywords

Covid-19, educational inequalities, digital exclusion.

## Cómo citar/Citation

Alves de Macedo, Rodolfo (2023). Educação e pandemia de Covid-19: um olhar sobre as desigualdades educacionais. *Revista de Sociología de la Educación - RASE*, 16 (2), 177-185. <http://dx.doi.org/10.7203/RASE.16.2.24420>.

Recibido: 11-05-2022  
Aceptado: 24-04-2023

1 Artigo elaborado, originalmente, como trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu (Especialização) em Cultura e Educação pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil). Agradecimentos especiais à Profa. Ma. Karen Kristien Silva dos Santos pela orientação e pelos apontamentos.  
2 Rodolfo Alves de Macedo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), [rodolfo.macedo95@gmail.com](mailto:rodolfo.macedo95@gmail.com).

## 1. Introdução

Em dezembro de 2019, o mundo tomou conhecimento do primeiro caso de um paciente diagnosticado em Wuhan, China, com o novo coronavírus (SARS-CoV-2), causando a doença respiratória COVID-19. A pandemia decorrente desse vírus causou profundas mudanças na vida cotidiana de toda a comunidade global, e conforme Dardot e Laval (2020, n.p), «A pandemia da Covid-19 é uma crise global, sanitária, econômica e social excepcional. Poucos acontecimentos históricos podem ser comparados a ela, pelo menos na escala das últimas décadas». Assim, para combater este vírus, foi necessário adotar um conjunto de ações, as medidas preventivas incluíram o distanciamento social e uso de máscaras de proteção facial em locais públicos e fechados. Governos do mundo todo decretaram o confinamento da população como forma de contenção do vírus. Dentro desse fechamento de instalações estão os sistemas educacionais como escolas e universidades, mantendo seus alunos distantes das salas de aula e das formas tradicionais de ensino. Isto é, salas de aula com carteiras enfileiradas ao modelo do século XIX e com professores como figuras centrais tidos como detentores dos conhecimentos a serem transmitidos aos alunos, esses tidos como meros espectadores, por meio de aulas expositivas.

Segundo dados do Unicef (2020) mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe<sup>3</sup>. A pandemia também impôs às instituições de ensino, aos professores e alunos uma nova realidade a qual não estavam preparados e, conseqüentemente, precisaram se inserir em um processo de adaptação para tornar viável a continuidade do processo de ensino-aprendizagem. Assim, todos tiveram que se adaptar cada vez mais às aulas remotas de caráter emergencial, e o uso das tecnologias digitais foi fundamental nesse processo.

Pesquisas sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na educação não são totalmente inéditas, e apontam as vantagens e desvantagens do ensino a distância. Porém, a rápida inserção nessa modalidade de ensino não pôde ser absorvida inteiramente pelas partes envolvidas devido à falta de estrutura física, emocional e social adequada para tanto. Escolas, famílias, professores e alunos não estavam capacitados a migrar do ensino presencial para o remoto.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, muito material bibliográfico foi produzido sobre o quanto nossas vidas foram impactadas profundamente por um evento sem precedentes nas últimas décadas. Matthewman e Huppertz (2020) apontam como a pandemia evidencia ainda mais as disparidades existentes na nossa sociedade, como as de classe, gênero e raça. A escola, enquanto instituição inserida numa estrutura social desigual, manifesta as desigualdades sociais que geram as desigualdades educacionais. Logo, o debate acerca da educação neste contexto pandêmico não pode ignorar essas desigualdades socioeconômicas. Assim, diferentemente do que o senso comum afirma, que a pandemia impactou a todos de forma igualitária independentemente de classe social, gênero, raça e idade, o que as pesquisas apontam é justamente o contrário. Nesse sentido, fica evidente o aprofundamento das históricas desigualdades educacionais já existentes anteriormente à pandemia, sobretudo entre os estudantes mais desfavorecidos, podendo levar à reprovação, distorção idade-série e, por fim, à evasão escolar, configurando o que podemos entender como fracasso escolar. Em contrapartida, aqueles alunos oriundos de classes mais abastadas e frequentadores de escolas privadas possuem todo o material e ambientes propícios para a superação das dificuldades impostas pelo ensino remoto.

---

3 Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-por-cento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Para pensarmos nos impactos que a pandemia de Covid-19 nos impôs, o objetivo do presente trabalho é fazer uma pesquisa bibliográfica sobre as desigualdades educacionais decorrentes da pandemia de Covid-19. Tal investigação será orientada por um conjunto de documentos, entre eles o relatório da pesquisa *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação* (2021)<sup>4</sup> do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com o Cenpec Educação; a pesquisa TIC Domicílios 2020 (CGI, 2021) do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br); além de artigos e livros publicados sobre a temática para finalmente, estabelecer uma reflexão a partir de uma perspectiva sociológica bourdieusiana da educação sobre o ensino remoto como medida alternativa em dada conjuntura pandêmica.

## 2. Cenário da exclusão escolar no Brasil pré-pandemia

A fim de compreendermos a presente situação a qual nos encontramos, será necessário realizar uma análise comparativa entre o cenário brasileiro prévio à pandemia de Covid-19 e a atual conjuntura. Para isso, utilizaremos o estudo *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação* (2021) do Unicef Brasil/Cenpec Educação. O estudo utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD 2019 e PNAD Covid-19) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo os dados do estudo (Unicef Brasil e Cenpec Educação, 2021), o Brasil avançou na garantia ao acesso à Educação entre os anos de 2016 e 2019, passando de 3,9% a 2,7% o percentual de alunos em idade escolar (4 a 17 anos) fora da escola. Segundo esses dados no ano de 2019, a estimativa de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola era de quase 1,1 milhão. A maioria deles na faixa etária entre 15 a 17 anos (629.531), idade em que deveriam estar cursando o Ensino Médio, e de 4 a 5 anos (384.475), faixa correspondente à Pré-Escola. Em relação ao fator geográfico, as regiões Sudeste e Nordeste concentram, em números absolutos, a maior parte da população fora da escola. Porém, quando observamos o número de alunos que não completaram a Educação Básica e estão fora da escola, a maior desigualdade encontra-se nas regiões Norte (4,3%) e Nordeste (2,7%). Entre os anos de 2016 e 2019, a região Norte, além de ter o maior número percentual de alunos em situação de exclusão, também é a região com menor queda percentual, tendo saído de 4,9% em 2016 para 4,3% em 2019, uma queda de 0,6%, enquanto as demais regiões diminuíram em mais de 1%.

Além desse cenário de exclusão em diferentes regiões do país, outro cenário de exclusão revelado pelo estudo é a exclusão escolar urbana e rural. As desigualdades entre esses meios são conhecidas há bastante tempo. As crianças e adolescentes de contextos rurais são ainda mais afetados pela exclusão escolar. No ano de 2019, o percentual de crianças de 4 e 5 anos em situação de exclusão escolar foi de 10,7% em áreas rurais, enquanto em meios urbanos o percentual foi de 6,4%. Nas idades de 6 a 14 anos, o percentual em áreas rurais ficou em 0,4%, e em áreas urbanas, 0,3%. Por último, na faixa de 15 a 17 anos, o percentual de alunos fora da escola em áreas rurais foi de 10,6%, enquanto em áreas urbanas 6,3%. Assim, analisando os cenários de exclusão escolar em diferentes regiões e meios, fica evidente que a exclusão é superior em áreas rurais, impactando significativamente na trajetória escolar dessas crianças e adolescentes, bem como impactando a comunidade em que residem.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Continuando os múltiplos cenários da exclusão escolar, os fatores cor/raça e sexo/gênero se fazem presentes. Neste quesito, os meninos são maioria entre crianças e adolescentes fora da escola. Em geral, se comparados às meninas, a diferença é pequena, 50,2% dos meninos contra 49,8% das meninas, sendo que elas estão em maior exclusão na faixa de 15 a 17 anos, (50,9%). Na questão cor/raça, os dados apontam para uma maior exclusão em crianças e adolescentes pretas/os, pardas/os e indígenas. Todos eles juntos somam 781.577 estudantes, mais de 70% de todos aqueles que estão fora da escola.

Por último, o fator a se considerar no perfil das crianças e adolescentes em situação de exclusão escolar é a faixa de renda, fator esse de grande peso diante da crescente desigualdade econômica na sociedade contemporânea neoliberal, cuja lógica é a do lucro através do capital financeiro. As crianças excluídas, em sua maioria pretas, pardas e indígenas, são também aquelas cuja renda familiar per capita não ultrapassa um salário mínimo (que em 2019 correspondia a R\$ 998,00).

Os dados do estudo mostram que 90,1% das crianças e adolescentes fora da escola vivem em famílias cuja renda é de até um salário mínimo, enquanto que apenas 9,9% dos que se encontram fora da escola na faixa de 4 a 17 anos tinham renda per capita de mais de um salário mínimo. Desses 90,1%, 32,3% vivem com até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo de renda familiar per capita. Portanto, nota-se que, quanto menor a renda familiar per capita, mais profunda é a desigualdade no acesso à escola. Além de que as condições objetivas de vida em vulnerabilidade comprometem à dignidade e o acesso aos demais direitos, como o acesso aos bens culturais.

### 3. Cenário da exclusão escolar no Brasil na pandemia

Conforme discutimos, a crise sanitária da pandemia de Covid-19 avançou sobre todos nós desde 2020 somando-se a outras que temos vivido no mundo pós-moderno, tais como às crises sociais, políticas, educacionais, financeiras e econômicas. Como forma de contenção do vírus, governos do mundo todo impuseram um confinamento. Assim, as escolas, representando locais de grande probabilidade de contaminação por serem espaços sociais de grande circulação de pessoas de diferentes faixas etárias, também foram fechadas.

Ao final do ano letivo de 2020, 5.075.294 crianças e adolescentes estavam fora da escola ou sem atividades escolares, número equivalente a 13,9% da população brasileira. A região Norte é a região com maior índice de crianças e adolescentes nessa faixa etária fora da escola ou sem atividades, (28,4%), seguida pela região Nordeste (18,3%), segundo dados do estudo (Unicef Brasil e Cenpec Educação, 2021).

Em relação a faixas etárias, as crianças entre 6 e 10 foram as que tiveram maior incidência de exclusão escolar ou sem atividades (41%), faixa essa que, anteriormente, em 2019, havia apresentado o menor índice em relação a outras faixas. Novamente, essa desigualdade está mais concentrada nas regiões Norte e Nordeste, sobretudo em áreas rurais.

Sobre o fator cor/raça, desde o início da pandemia, crianças e adolescentes indígenas, pretas/os, pardas/os foram os mais excluídos da escola, com 34,1%, 18,5% e 16,7%, respectivamente, em termos nacionais. Por idade, para adolescentes indígenas de 15 a 17 anos os índices chegam a 42,9%, número alarmante e que expõe a negligência para com essa população. Assim, conforme já apontado por Matthewman e Huppertz (2020), a pandemia evidenciou e escancarou as disparidades sociais concernentes à classe, gênero e raça. Portanto, se ainda havia alguma dúvida sobre essas desigualdades, a pandemia as tornou evidentes e inegáveis.

#### 4. Exclusão digital e ensino remoto como fatores de reprodução das desigualdades educacionais

Conforme foi discutido anteriormente, a rápida expansão da Covid-19 impactou diversos setores da sociedade, entre eles o sistema de ensino. A educação brasileira, que por si só é um grande desafio cujos problemas passam pelo seu desmonte e desvalorização docente, diante de um contexto pandêmico, agora apresenta-se com um forte clima de incertezas. Para minimizar os impactos negativos e para que o ensino não fosse interrompido, optou-se pela sua forma remota em função do distanciamento social utilizado como medida de contenção do vírus. Assim, dadas as múltiplas dificuldades, as TICs, cujo uso tem sido acrescido na educação nos últimos anos, agora mostram-se como a principal solução para a manutenção do ensino em dada situação calamitosa. Apesar de Educação a Distância (EaD) e ensino remoto serem muitas vezes tratados como sinônimos, existem especificidades que diferenciam essas duas modalidades de ensino. Segundo Arruda (2020: 265),

*Atender, por meio de tecnologias digitais, alunos afetados pelo fechamento das escolas, não é a mesma coisa que implantar Educação a Distância, ainda que tecnicamente e conceitualmente refira-se à mediação do ensino e da aprendizagem por meio de tecnologias. A EaD envolve planejamento anterior, consideração sobre perfil de aluno e docente, desenvolvimento a médio e longo prazo de estratégias de ensino e aprendizagem que levem em consideração as dimensões síncronas e assíncronas da EaD [...]*

Por outro lado, o ensino remoto tem caráter emergencial, isto é, uma mudança temporária e alternativa na forma como os conteúdos escolares são transmitidos, dada uma situação excepcional de crise. Ainda segundo Arruda (2020: 266-267),

*Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para as aulas previamente elaboradas no formato presencial, podem ser combinadas para momentos híbridos ao longo da crise, em situações de retorno parcial das aulas e quantitativo de alunos e possuem duração delimitada pelo tempo em que a crise se mantiver.*

Portanto, tomemos essa modalidade de ensino como algo que está posto e permanecerá até que as condições sanitárias sejam flexibilizadas e a vida retorne ao que era conhecido. Enquanto isso, apesar do distanciamento físico imposto pela atual conjuntura, devemos considerar que o ensino remoto é um recurso importante na manutenção das relações entre todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo docentes e discentes.

Entretanto, seu uso esbarra em alguns obstáculos e tem gerado controvérsias devido à sua rápida inserção como resposta, mesmo que essas partes mencionadas não estivessem capacitadas para tal uso. Além disso, há ainda a insegurança de migrar para um meio de Educação a Distância (EaD) devido à falta de familiaridade com essa modalidade. Outra questão que se apresentou nas discussões realizadas por organismos internacionais citados anteriormente diz respeito à falta de acesso às tecnologias digitais e educacionais, dadas as desigualdades históricas de um país como o Brasil. Todo esse cenário desigual contribui com o fenômeno de exclusão digital.

Segundo os dados da pesquisa TIC Domicílios de agosto de 2021 (CGI, 2021), o número de domicílios no Brasil com acesso à internet se encontra em 83%. Porém, ao analisar os dados por segmentos, como regiões do país, áreas e classes, observa-se que este número chega a ser bastante desigual. Em rela-

ção às regiões, aquelas que mais possuem acesso à internet são as regiões Sul e Sudeste, com 84% e 86% respectivamente, enquanto na região Nordeste o acesso está em 79%. No que tange as classes sociais, os 90% são ultrapassados pelas classes B e C, chegando a 100% na classe A. Por outro lado, nas classes D e E, apesar do aumento em relação a anos anteriores, só chega a 64%.

Outro fato muito significativo para as reflexões aqui propostas é o número de domicílios com computador, por classe e área. Ainda segundo a pesquisa TIC Domicílios, o número de domicílios com computador é de 100% na classe A, 85% na classe B, 50% na classe C, e somente 13% nas classes DE. Assim, dada essa conjuntura, evidencia-se a profunda desigualdade e exclusão digital sob a qual vive a população brasileira.

Tomando como princípio norteador de análise uma perspectiva crítico-reprodutivista bourdieusiana, consideramos a posse de computadores, internet e aparelhos tecnológicos em geral como capital cultural objetivado. Cabe salientar que o sociólogo Pierre Bourdieu cunha o termo capital cultural (isto é, cultura como um recurso social distribuído desigualmente) como forma de explicar as razões das disparidades educacionais entre classes, se manifestando em três formas: no estado incorporado; no estado objetivado; e no estado institucionalizado (Bourdieu, 2015a: 85).

A partir da década de 1960, Pierre Bourdieu elabora suas primeiras pesquisas sobre o sistema escolar com as obras *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964) e *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (1970) em parceria com Jean-Claude Passeron, tendo ainda explorado a temática das desigualdades em artigo de 1966, intitulado *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*, onde alertava que

*É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.* (Bourdieu, 2015b: 45).

Com *Os herdeiros*, através da análise do campo cultural universitário, e

*Analisando os dados estatísticos presentes à época, Bourdieu e Passeron percebem como são evidentes as desigualdades de acesso e permanência no ensino superior pelas diferentes classes. Essas desigualdades educacionais podem ser compreendidas, segundo os autores, através da origem social dos agentes.* (Macedo, 2020: 326).

Assim, os autores demonstram que a herança familiar exerce um papel fundamental na reprodução social, evidenciando a intrínseca relação entre desigualdades sociais e educacionais. Em *A Reprodução* ([1970] 2014), Bourdieu e Passeron desvelam o mito de uma escola democrática, universal e neutra, onde supostamente imperava a meritocracia escolar. «[...] a instituição escolar contribui para a reprodução das desigualdades sociais à medida que a comunicação pedagógica seria tanto mais efetiva quanto menor a distância entre o arbitrário cultural (visto como cultura legítima) da escola e a cultura familiar do educando» (Macedo e Silva, 2018: 73). Logo, a escola, ao invés de neutra, apresentaria uma realidade social da classe dominante.

Portanto, é necessário compreender a importância que Bourdieu atribui à herança cultural familiar, visto que o sistema de ensino serviria como uma extensão dela. No mundo social, podemos entender

cada sujeito social caracterizado por uma bagagem histórica e herdada socialmente, que inclui componentes objetivos (como capital econômico, capital social e capital cultural institucionalizado) e subjetivos (capital cultural incorporado), que podem ser colocados a serviço dos descendentes (Nogueira e Nogueira, 2016: 51-52).

Para o autor, «o capital cultural constitui (sobretudo, na sua forma incorporada) o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar» (Nogueira e Nogueira, 2016: 52). Desta forma, reduz-se a importância atribuída ao capital econômico sobre as desigualdades educacionais. Logo, ferramentas tecnológicas como computadores e celulares podem ser compreendidas como uma forma de capital cultural (em estado *objetivado*) que, distribuídas de maneira desigual, impactam no desempenho escolar.

Dito isso, analisando sob essa ótica as pesquisas citadas e considerando a desigual posse de capital cultural objetivado entre as classes (que incorre na exclusão digital), o ensino remoto que nos foi apresentado como alternativa se desvela como um fator de reprodução das desigualdades educacionais, uma vez que esses recursos tecnológicos se mostram como fundamentais para o acompanhamento das aulas *online* e, em virtude de suas condições materiais de existência pouco favoráveis à inclusão digital e à educação nesse contexto, milhares de estudantes foram excluídos desse processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, cabe pontuar as implicações tangentes em relação à família. Pais sobrecarregados exercendo suas atividades profissionais em *home office*, conciliando afazeres domésticos (acentuados pela desigualdade de gênero) e auxílio aos filhos em suas atividades acadêmicas. Segundo Grossi, Minoda e Fonseca (2020), devido ao isolamento social e o ensino remoto, as famílias passaram a resgatar seu papel educativo, enquanto os estudantes têm sentido dificuldades de estudar a distância.

Nogueira (2021: 11), ao questionar o peso atribuído à herança cultural no desempenho escolar, sua análise

*(i) evidenciou que as vantagens culturais stricto sensu [grifo da autora] se mostram hoje — no plano educacional — menos rentáveis e menos transmissíveis do que parecem ter sido no passado, declinando em favor de novas formas de capital cultural; (ii) constatou que o favorecimento econômico tem se mostrado cada vez mais um elemento facilitador e impulsionador do sucesso escolar, por meio dos mais diferentes investimentos materiais feitos, pelos pais, na escolarização dos filhos.*

Logo, tenhamos em mente que a posse de capital cultural objetivado exerce peso relativo nas desigualdades escolares, visto que, a posse desse tipo de capital cultural pressupõe sua aquisição através do capital econômico. Portanto, verifica-se o papel significativo (mas não imperativo) que o capital cultural ainda exerce na reprodução das desigualdades educacionais, acentuadas e evidenciadas pela pandemia de Covid-19 e pelo ensino remoto.

## 5. Considerações finais

Diante da conjuntura social pandêmica, impactos diversos foram gerados em múltiplas áreas da vida pós-moderna. A interrupção das aulas presenciais e sua transferência para o ensino remoto afetou desproporcionalmente diferentes segmentos. Num país como o Brasil, onde há uma profunda desigualdade no acesso à educação escolar e na inclusão digital, seria ingênuo pensar que a pandemia de Covid-19

afetaria a todos igualmente, independentemente de suas especificidades sociodemográficas e de suas condições sociais e econômicas.

A partir de um questionamento inicial sobre o impacto da pandemia de Covid-19 sobre a educação, o presente trabalho objetivou investigar esses impactos através de relatórios de pesquisas, artigos e livros publicados, aplicando uma perspectiva bourdieusiana sobre o ensino remoto e as desigualdades educacionais. Assim, reconhecemos o peso relativo que o capital cultural em seu estado objetivado exerce sobre o desempenho dos alunos em contexto pandêmico, uma vez que, aqueles sem acesso às TICs (que por sua vez são adquiridas com capital econômico), ficam impossibilitados de correr em igualdade no processo de aprendizagem. Porém, cabe ressaltar que, mesmo com a presença objetiva de capital cultural objetivado, o uso social desses bens pode não ser, necessariamente, para fins de aprendizagem, além de que a própria família ou os estudantes podem adotar estratégias educativas para superar minimamente certas ausências.

Como desdobramentos deste estudo, os seguintes questionamentos são pertinentes: quais os usos sociais atribuídos pelos alunos às TICs? Os estudantes que possuem acesso às TICs estão utilizando esses bens pedagogicamente através de aplicativos, plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem? Os pais e responsáveis estão presentes e conseguem apoiar seus filhos nas atividades acadêmicas? Se sim, quais as formas de investimento pedagógico (ambiente propício, acompanhamento pessoal, aquisição de materiais) foram exercidas em contexto pandêmico para auxiliá-los nas atividades? Se não, quais as dificuldades enfrentadas? Com estes questionamentos esperamos nortear novos rumos que contemplem aspectos relacionados às atividades dos estudantes e às estratégias familiares de apoio.

## Referencias bibliográficas

- Arruda, Eucídio Pimenta (2020): “Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19”. *EmRede – Revista de Educação a Distância*, 7 (1), 257-275. DOI: <https://doi.org/10.53628/emrede.v7i1.621>.
- Bourdieu, Pierre (2015a): “Os três estados do capital cultural” en Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani, (orgs.): *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre (2015b): “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” en Nogueira, Maria Alice e Catani, Afrânio (orgs.): *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre y Passeron, Jean-Claude (1970). *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Tradução de Reynaldo Bairão. Revisão de Pedro Benjamin Garcia e Ana Maria Baeta. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br) (2021). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros 2020: pesquisa TIC Domicílios* (Edição COVID-19 - Metodologia adaptada). <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/analises/>, consultado el 10 de marzo de 2022.
- Dardot, Pierre y Laval, Christian (2020): “A prova política da pandemia”. Blog da Boitempo (en línea). <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/26/dardot-e-laval-a-prova-politica-da-pandemia/>, consultado el 10 de marzo de 2022.

- Grossi, Marcia Gorett Ribeiro; Minoda, Dalva de Souza y Fonseca, Renata Gadoni Porto (2020): “Impacto da pandemia do Covid-19 na educação: reflexos nas vidas das famílias”. *Teoria e Prática da Educação*, 23 (3), 150-170. DOI: <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i3.53672>.
- Macedo, Rodolfo Alves de (2020): “A Educação Reflexiva na Teoria Social de Pierre Bourdieu”. *Id on Line Rev. Mult. Psic*, 14 (53), 323-329. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v14i53.2784>.
- Macedo, Rodolfo Alves de y da Silva, Ani Martins (2018): “Sucesso escolar, globalização e estratégias de subversão nas classes populares”. *Revista Trama Interdisciplinar*, 9 (2) 65-85. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/11523>.
- Matthewman, Steve e Huppatz, Kate (2020): “A sociology of Covid-19”. *Journal of Sociology*, 56 (4) 675-683. DOI: <https://doi.org/10.1177%2F1440783320939416>.
- Nogueira, Maria Alice (2021): “O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas”. *Cadernos de Pesquisa*, 51, e07468. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053147468>.
- Nogueira, Maria Alice y Nogueira, Cláudio M. Martins (2016). *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- UNICEF. Covid-19. *Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe, estima o UNICEF (2020)*. <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-porcento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe>, consultado el 10 de marzo de 2022.
- Unicef Brasil e Cenpec Educação (2021). *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação*. <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>, consultado el 10 de marzo de 2022.

## Nota bibliográfica

Rodolfo Alves de Macedo es estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Educación: Historia, Política, Sociedad de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil, en la línea de investigación Procesos de Escolarización, Desigualdades Sociales y Diversidad. Licenciado en Pedagogía por la Universidad Presbiteriana Mackenzie (UPM), Brasil.